

OBSERVANDO A PAISAGEM LINGUÍSTICA ESCOLAR

OBSERVING THE SCHOOL LINGUISTIC LANDSCAPE

OBSERVANDO EL PAISAJE LINGÜÍSTICO ESCOLAR

Marília Varella Bezerra de Faria (UFRN)
cintia_danielee@hotmail.com

Cíntia Daniele Oliveira do Nascimento (UFRN)
mariliavbf@yahoo.com.br

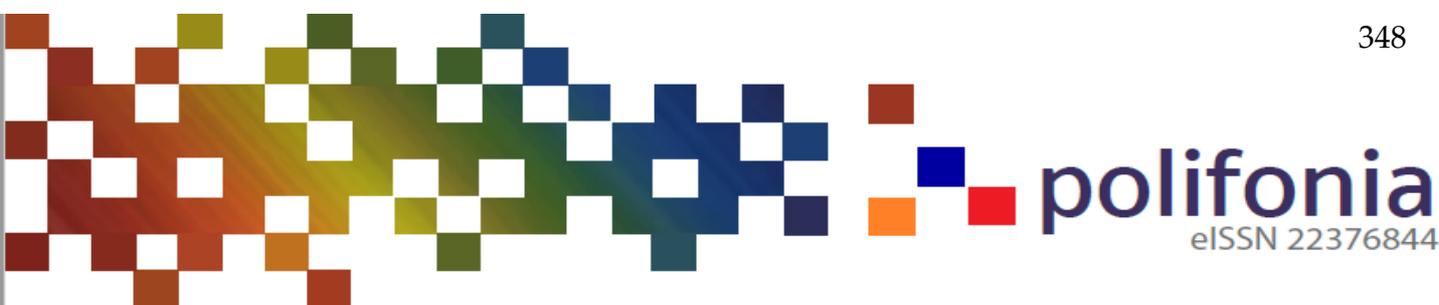
Resumo:

Neste artigo, temos como objetivo refletir sobre a construção identitária de uma escola, a partir da análise da diversidade linguística presente nesse espaço. As escolas apresentam diversos cronotopos – tempos e espaços – que se modificam a partir das relações sociais neles estabelecidas. Ao observar esses espaços, é possível perceber uma grande quantidade de enunciados, fundamentais para uma comunicação bem sucedida entre os indivíduos. A presença de imagens, de narrativas figuradas é uma das maiores características das sociedades contemporâneas. Nesse sentido, este estudo se ancora nos estudos de paisagem linguística que têm como objetivo compreender as marcas linguísticas que estão dispostas nos espaços públicos; na concepção dialógica e filosófica de linguagem, compreendendo-a como prática discursiva sócio-historicamente situada; e estabelece uma interconexão com os estudos culturais, considerando que a cultura constrói valores e diferenças, em função de suas condições de produção. Esta pesquisa se insere no campo da Linguística Aplicada, área híbrida/mestiça, marcada pela interdisciplinaridade. Assim, por meio deste estudo preliminar, qualitativo, de natureza interpretativista, depreende-se que a riqueza dos discursos presentes na escola contribui para a construção de múltiplas identidades.

Palavras-chave: paisagem linguística, identidade, escolas.

Abstract:

In this article, we aim to reflect on the identity construction of a school, from the analysis of the linguistic diversity present in this space. Schools have different chronotopes - times and spaces - which change according to the social relations established in them. By observing these spaces, it is possible to notice a multiplicity of utterances, fundamental to the success of the individuals' communication. The presence of images is one of the greatest characteristics of contemporary societies. In this sense, this study is based on linguistic landscape studies, aiming to understand the linguistic marks that are displayed in public spaces; on the dialogical and philosophical concept of language, understanding it as a socio-historically situated discursive practice; and also on the cultural studies, considering the fact that culture builds up



values and brings forth differences in respect of the conditions under which they were produced. This research is inserted in the field of Applied Linguistics, a hybrid/mestizo area, marked by interdisciplinarity. Therefore, through this preliminary qualitative interpretive study, it is possible to infer that the richness of the language in the school area contributes to the construction of multiple identities.

Keywords: linguistic landscape, identity, schools.

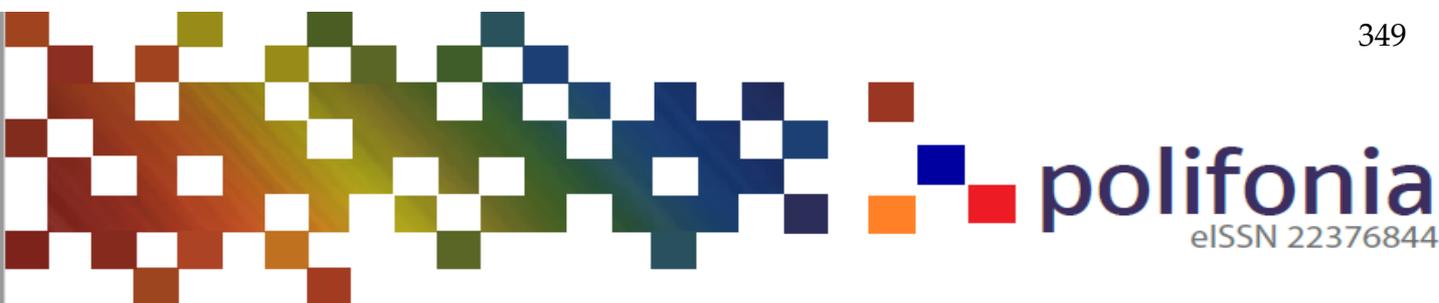
Resumen:

En este artículo pretendemos reflexionar sobre la construcción de identidad de una escuela, basada en el análisis de la diversidad lingüística presente en ese espacio. Las escuelas tienen diferentes cronotopos (tiempos y espacios) que cambian según las relaciones sociales establecidas. Al observar estos espacios, es posible percibir una multiplicidad de declaraciones, fundamentales para una comunicación exitosa entre los individuos. La presencia de imágenes y narrativas figurativas es una de las mayores características de las sociedades contemporáneas. En esta perspectiva, este estudio está anclado en estudios de paisaje lingüístico, cuyo objetivo es comprender las marcas lingüísticas que se disponen en los espacios públicos; en la concepción dialógica y filosófica del lenguaje, entendiéndolo como una práctica discursiva situada históricamente; además, establece una interconexión con los estudios culturales, considerando que la cultura construye valores, produciendo diferencias de acuerdo con sus condiciones de producción. Esta investigación es parte del campo de la Lingüística Aplicada, un área híbrida/mestiza, marcada por la interdisciplinaria. Así, a través de este estudio preliminar, cualitativo y interpretativo, se entiende que la riqueza de los discursos presentes en la escuela contribuye a la construcción de múltiples identidades.

Palabras clave: paisaje lingüístico, identidad, escuelas.

1. Introdução

As sociedades e os sujeitos da contemporaneidade são marcados pela diversidade de pensamentos e pela multiplicidade de culturas. As cidades são “espaços de interação em que as identidades e os sentimentos de pertencimento são formados com recursos materiais e simbólicos de origem local, nacional e transnacional” (CANCLINI, 2003, p. 153). Além disso, a cidade também pode ser vista como um espaço constituído por inúmeros significados, assim, todos os elementos que nela são postos possuem um sentido e comunicam algo a determinados grupos. Seja num *outdoor* ou numa placa de trânsito, por exemplo, existe um propósito atrás da escolha daquele elemento linguístico. De acordo com Faria (2007, p. 13), a cidade é contraditória por natureza, “em seu espaço, convivem, simultaneamente, a ordem e a desordem, a heterogeneidade e a padronização, a coletividade e a individualidade”. As cidades são formadas por diferentes tempos e espaços que refletem o multiculturalismo e a



fragmentação dos sujeitos sociais que ali circulam. É nesse contexto multicultural, atravessado por discursos heterogêneos que se insere o cronotopo¹ escolar.

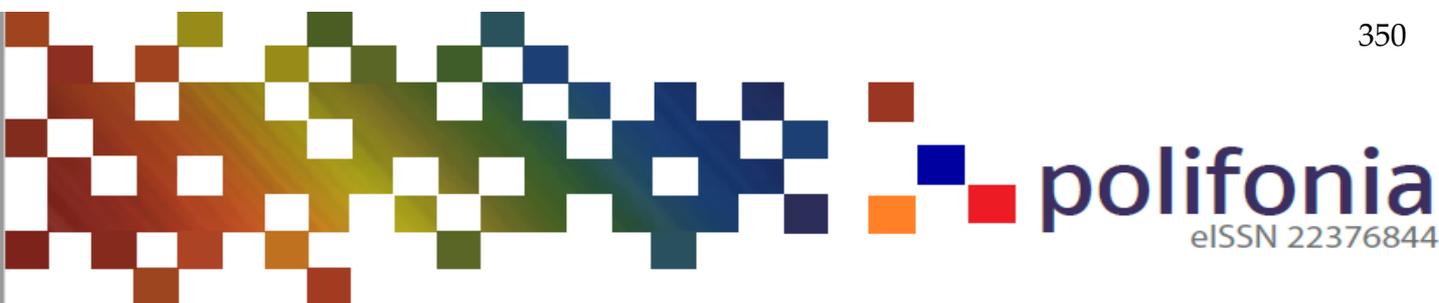
No ambiente escolar os cidadãos compartilham e convivem com diversas culturas, dado que as culturas locais, as culturas valorizadas e as culturas escolares (ROJO, 2009) coexistem nessa instituição. A escola é um espaço que deve proporcionar experiências significativas, possibilitando multiletramentos e acesso ao conhecimento e à informação. Destacamos aqui nosso interesse em estudar as escolas públicas, especificamente aquelas que estão localizadas em regiões periféricas, marginalizadas. Quando falamos na escola pública, vemos um lugar marcado por desafios, “na maioria dos países da América Latina, a escola pública é hoje o lugar da pobreza simbólica, onde professores, currículos e meios materiais concorrem em condições de muito provável derrota com os meios de comunicação de massa” (SARLO, 2000, p. 112). Vemos, então, que se faz necessário falar sobre e pensar em temáticas que estão direta e indiretamente relacionadas às escolas públicas.

É observando o cronotopo escolar que surgem nossas investigações. Temos como objetivo, portanto, refletir sobre a construção identitária da Escola Municipal Professora Francisca de Oliveira², localizada na cidade de Natal/RN, a partir da análise da paisagem linguística que constitui esse espaço. Apresentamos como pressupostos teóricos a concepção dialógica e filosófica da linguagem do Círculo de Bakhtin (BAKHTIN 2011, 2015, 2016, 2017, 2018; VOLÓCHINOV, 2017) e as discussões trazidas pelos Estudos Culturais (HALL, 2015; WOODWARD, 2014). Além disso, os estudos acerca da Paisagem Linguística (SHOHAMY; BEN-RAFAEL; BARNI, 2010) são considerados como referência basilar para pensar a metodologia e as análises desta investigação.

O artigo está organizado em seis partes, conforme esquematizado a seguir. “*A escola como espaço de linguagem e de cultura*” situa a pesquisa na área da Linguística Aplicada e apresenta as concepções de linguagem advindas do Círculo de Bakhtin, as quais consideram os sujeitos inseridos em uma realidade sócio-histórica e em um cronotopo específico. “*Estudos sobre paisagem linguística*” é uma seção dedicada para reflexões sobre esse conceito, nela também apresentamos pesquisas já desenvolvidas que envolvem a paisagem linguística. “*A escola como espaço de observação*” busca analisar enunciados presentes na Escola Municipal Professora Francisca de Oliveira e como eles contribuem para pensar a construção identitária da escola. “*A paisagem linguística escolar*” faz uma correlação com as seções anteriores e mostra que a paisagem linguística contribui para a construção identitária da escola. Por fim, “*Tempos para reflexão*” apresenta palavras conclusivas que corroboram

¹ “Chamaremos de *cronotopo* (que significa ‘tempo-espaço’) a interligação essencial das relações de espaço e tempo como foram artisticamente assimiladas na literatura. Esse termo é empregado nas ciências matemáticas e foi introduzido e fundamentado com base na teoria da relatividade (Einstein). Para nós não importa o seu sentido específico na teoria da relatividade, e o transferimos daí para cá – para o campo dos estudos da literatura – quase como uma metáfora (quase, mas não inteiramente); importa-nos nesse termo a expressão de inseparabilidade do espaço e do tempo (o tempo como a quarta dimensão do espaço) (BAKHTIN, 2018, p. 11).

² A escolha da escola foi feita pois é uma instituição localizada na periferia da cidade de Natal/RN, lugar em que há presença da pobreza simbólica (SARLO, 2000) e que interessa às investigações desenvolvidas pelos estudos culturais. Além disso, a escola é o ambiente de trabalho de uma das autoras do artigo e é uma das instituições em que a pesquisa de doutorado está sendo desenvolvida.



com as construções identitárias apresentadas ao longo deste artigo: a escola possui uma *identidade interacional*, a escola como lugar de encontro e de atividade.

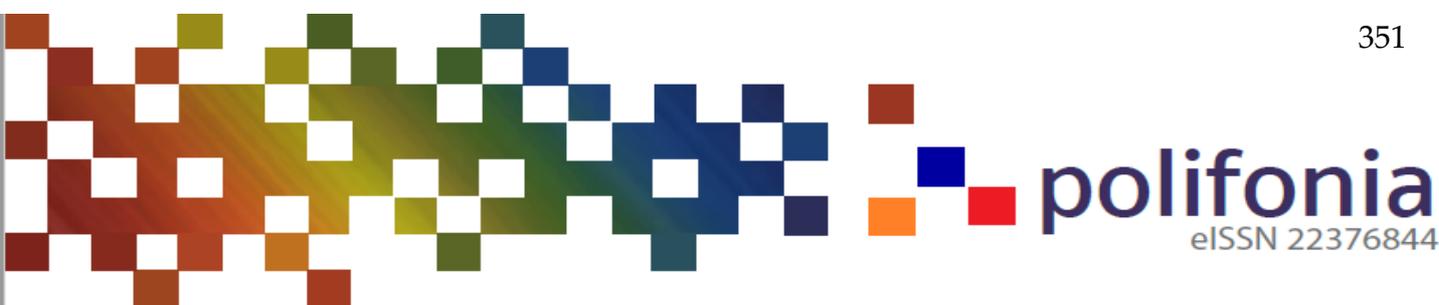
2. A escola como espaço de linguagem e de cultura

A Linguística Aplicada como lugar de ensaio da esperança (MOITA LOPES, 2006): é a partir desse espaço que nascem os interesses dessa pesquisa. Essa área possui um caráter transgressivo e crítico (PENNYCOOK, 2006) e um compromisso com a resolução de problemas do mundo real. Trata-se de uma área que abrange estudos interculturais, interlinguísticos e interdisciplinares (KUMARAVADIVELU, 2006), ou seja, estudos que fazem fronteira com outras áreas do conhecimento. Imersos nos estudos desenvolvidos pela Linguística Aplicada, acreditamos que “se quisermos saber sobre linguagem e vida social nos dias de hoje, é preciso sair do campo da linguagem propriamente dito: ler sociologia, geografia, história, antropologia, psicologia cultural e social etc” (MOITA LOPES, 2006, p. 96). Essa busca por conceitos e construtos de outras disciplinas exige uma *leveza de pensamento* (ROJO, 2006), afinal, um mesmo objeto de estudo pode ter diferentes formas de interpretação; por isso, devemos exercitar essa *leveza* ao compartilhar teorias e objetos de investigação. Nessa linha de raciocínio, a Linguística Aplicada torna-se uma grande aliada para as nossas investigações, afinal “todo conhecimento em ciências sociais e humanas é uma forma de conhecer a nós mesmos e de criar possibilidades para compreender a vida social e outras alternativas sociais” (MOITA LOPES, 2006, p. 104), ou seja, a construção do conhecimento é um caminho repleto de possibilidades para uma vida social marcada pela esperança.

A partir desse compromisso com a vida social, usamos uma concepção dialógica e filosófica da linguagem marcada pela interação dos sujeitos sociais, que foi pensada pelo Círculo de Bakhtin³. Por meio desses pesquisadores temos acesso a uma concepção de língua e linguagem que tem a interação discursiva como característica fundamental (VOLÓCHINOV, 2017). Essa teoria também permite-nos pensar os sujeitos sociais dentro de uma realidade sócio-histórica e de um cronotopo específico; ou seja, esses sujeitos vivenciam relações espaçotemporais caracterizadas pela ética e pela responsabilidade e são capazes de emitir opiniões e valores a respeito do mundo que os cerca, a partir da alteridade e de um olhar exotópico.

No contexto das relações sociais vivenciadas no ambiente urbano – compreendemos “tanto a cidade quanto o mundo pelo prisma do ambiente social concreto circundante” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 205) – podemos perceber uma riqueza de sujeitos, de discursos e de vozes. Embora haja uma diversidade de sujeitos, eles são seres marcados pela singularidade, por diferentes identidades, conforme assevera Ponzio:

³ Grupo de estudiosos constituído por pessoas de diversas formações, que se reuniu em Nevel, Vitebsk e São Petersburgo, entre 1919 e 1929, com o interesse em debater ideias advindas da filosofia e da linguagem (FARACO, 2009).



As relações sociais, as relações culturais, aquelas reconhecidas, oficialmente, codificadas, as relações que contam juridicamente são relações entre identidade do gênero, entre diferenças indiferentes à singularidade, relações estruturalmente estáveis por contraste e, portanto, relações opositivas e conflitantes, nas quais a alteridade de cada um é apagada, e nas quais, na melhor das hipóteses, vigora a tolerância do outro que pertence ao gênero, do outro em geral, cuja diferença é a da identidade do conjunto a que pertence (PONZIO, 2017, p. 18).

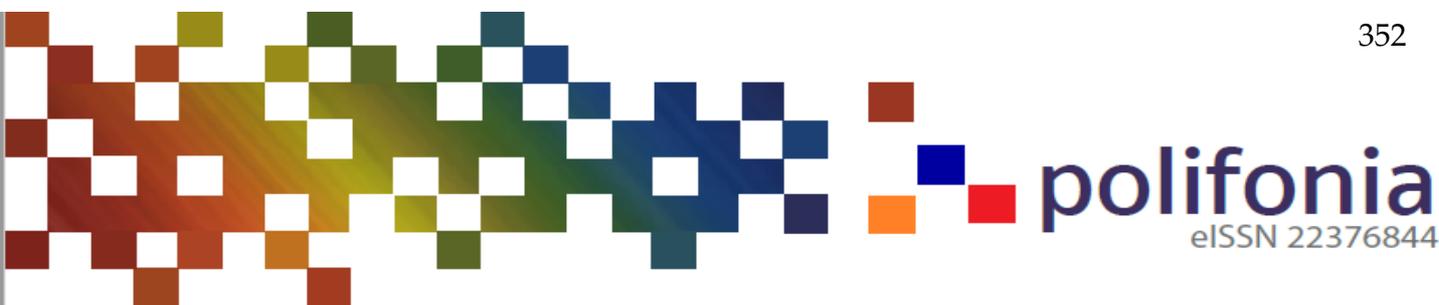
Na contemporaneidade, essas identidades são caracterizadas como fragmentadas, complexas, pois nascem na interação entre os diferentes sujeitos e as sociedades, os quais dialogam com os mais diversos mundos culturais: “o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (HALL, 2015, p. 11).

Quando falamos em interação, é imprescindível destacar que ela surge em situações concretas de uso da língua, por meio dos enunciados: “o centro organizador de qualquer enunciado, de qualquer expressão não está no interior, mas no exterior: no meio social que circunda o indivíduo” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 216). Dessa forma, vemos que o enunciado é organizado na comunicação humana e é produto da interação social, fazendo parte, portanto, do mundo da cultura e do mundo da vida.

A ciência, a arte, a história e outros domínios do conhecimento são resultantes desses dois mundos que se confrontam; o mundo da vida, “é o único mundo em que cada um de nós cria, conhece, contempla, vive e morre – o mundo no qual se objetiva o ato da atividade de cada um e o mundo em que tal ato realmente, irrepetivelmente, ocorre, tem lugar” (BAKHTIN, 2017, p. 43). No mundo da vida, as interações constantes permitem que os sujeitos protagonizem diálogos, que são fundamentais no processo de comunicação:

Obviamente, o diálogo, no sentido estrito da palavra, é somente uma das formas da interação discursiva, apesar de ser a mais importante. No entanto, o diálogo pode ser compreendido de modo mais amplo não apenas como a comunicação direta em voz alta entre pessoas face a face, mas como qualquer comunicação discursiva, independente do tipo (VOLÓCHINOV, 2017, p. 219).

Ao entender o diálogo para além da comunicação face a face, percebemos que os elementos linguísticos (*outdoors*, faixas, cartazes, murais) que estão situados nos mais diversos espaços das cidades e das escolas também fazem parte dessa rede de comunicação discursiva. Cabe reforçar que ao falarmos sobre espaços usamos a categoria de cronotopo, a partir de leituras provenientes do Círculo de Bakhtin e dos seus divulgadores. De acordo com Machado (1998, p. 36), “o cronotopo é uma forma de entender o tempo como uma dimensão do espaço”. Assim, tempo e espaço são duas manifestações que podem ser observadas e que revelam características das realidades discursivas dos sujeitos. Para Casado Alves (2012, p. 306), o cronotopo é uma categoria “que evidencia a relação tempo-espaço como construção axiológica de um sujeito imerso em interações heterogêneas, complexas e tensionadas”. A escola pode, então, ser visualizada como cronotopo que apresenta ações, relações, construções



e conflitos (CASADO ALVES, 2012), pois é habitada por sujeitos que protagonizam tais atitudes.

Os sujeitos, ao frequentarem esse espaço, participam de relações sociais, afinal, “a língua é um processo ininterrupto de formação, realizado por meio da interação sociodiscursiva dos falantes” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 224). Como já vimos, esses sujeitos não estão isolados, pelo contrário, para que a comunicação aconteça o “eu” precisa do “outro”, precisa ser compreendido e respondido:

De fato, o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante. Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é preche de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante (BAKHTIN, 2017, p. 25-26).

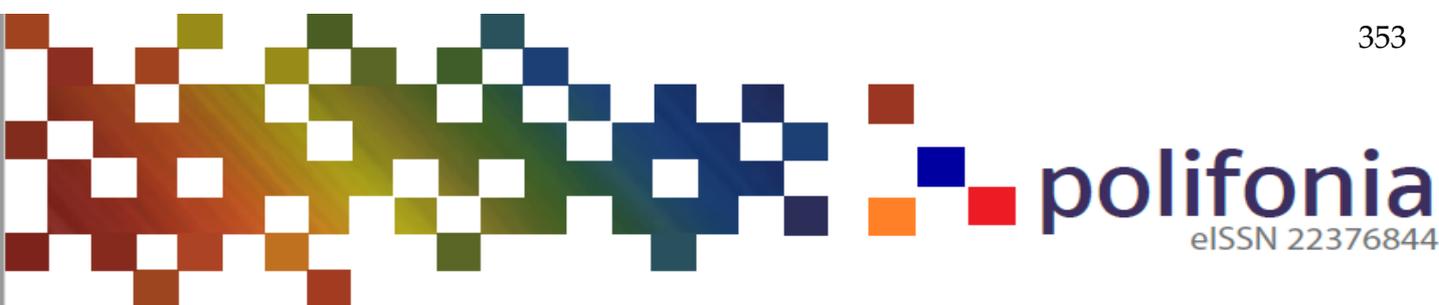
É por meio dessa responsividade que os sujeitos, dotados de voz, podem emitir opiniões e valores sobre o mundo que os cerca. As vozes sociais “são uma espécie de tecido em que se entrelaçam palavras e valores; são conjuntos difusos de visões de mundo (sistemas sociais de crenças) e elementos verbais” (FARACO, 1998, p. 165).

A partir dos conceitos aqui apresentados conseguimos visualizar a materialização da linguagem e da cultura na sociedade. Como consequência disso, os enunciados emergem em todos os instantes na vida cotidiana. Interessa-nos discorrer, a partir de agora, acerca de enunciados caracterizados pela presença de imagens, que fazem parte dos cenários das escolas.

3. Estudos sobre paisagem linguística

A sociedade contemporânea possui como característica marcante a presença de imagens: “o mundo, cada vez mais, se revela por meio de narrativas figuradas” (SOUZA, 2007, p. 79). Nós vivemos uma cultura da imagem (KELLNER, 2013) e a *paisagem linguística* é fruto dela. Dessa forma, é preciso aprender a ler essas imagens, uma vez que fazem parte da comunicação entre os sujeitos sociais: “ler imagens criticamente implica aprender como apreciar, decodificar e interpretar imagens, analisando tanto a *forma como* elas são construídas e operam em nossas vidas quanto o *conteúdo que* elas comunicam em situações concretas” (KELLNER, 2013, p. 106).

É a partir dessa presença constante de imagens na vida cotidiana que temos o interesse em observar os enunciados que compõem a *paisagem linguística* dos espaços públicos. O estudo da paisagem linguística é um campo de interesse e cooperação entre linguistas aplicados, sociolinguistas, sociólogos, psicólogos, geógrafos e pesquisadores de outras disciplinas; em concordância com os estudos desenvolvidos nessas áreas, entende-se a paisagem linguística como cenário no qual o espaço público é construído. Assim, podemos



considerar como elementos que constroem a paisagem linguística, os sinais de trânsito, as ruas, os edifícios, as instituições, os outdoors, os letreiros comerciais e até os nomes de ruas, lojas e escolas (BEN-RAFAEL; SHOHAMY; BARNI, 2010). O estudo da paisagem linguística considera a análise desses itens de acordo com a linguagem utilizada, observando tanto aspectos sintáticos quanto aspectos semânticos. Além disso, destacamos que

esses fatos da linguagem que marcam o espaço público são fatos sociais que, como tais, se relacionam com fenômenos sociais mais gerais. Nesse sentido, o estudo da paisagem linguística enfoca a articulação feita pelos atores desses símbolos linguísticos que moldam o espaço público (BEN-RAFAEL; SHOHAMY; BARNI, 2010, p. xiv, tradução do autor).⁴

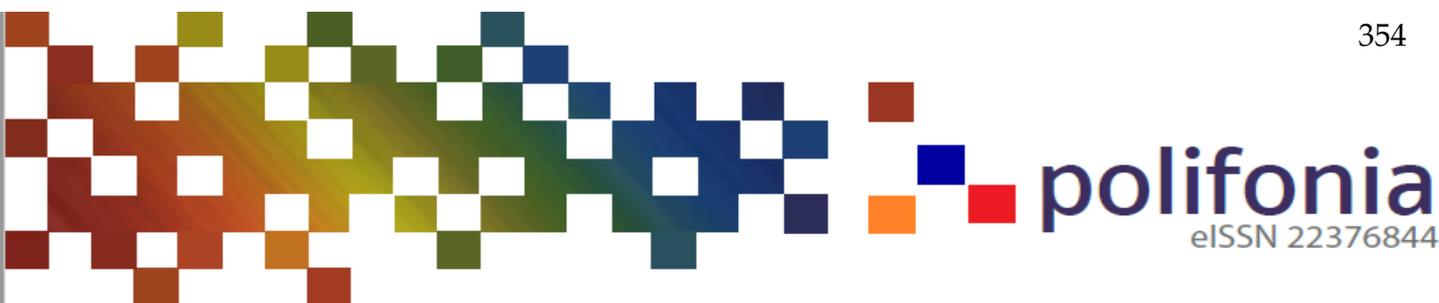
Neste trabalho, investigamos a paisagem linguística de uma instituição, a escola. Porém, antes de analisarmos o que foi proposto como *objetivo*, a construção identitária da Escola Municipal Francisca de Oliveira a partir da paisagem linguística, decidimos incluir discussões já desenvolvidas sobre a paisagem linguística de cidades e de escolas. Isso se deve ao fato de que percebemos que as diferenças na paisagem linguística de cada lugar interferem na construção das identidades desses espaços.

Ao falar sobre a paisagem linguística do espaço urbano, podemos destacar o estudo de Faria (2016), que contemplou enunciados presentes no bairro de Ponta Negra, localizado em Natal/RN. Conforme Faria (2016, p. 1010), a cidade brasileira “é mestiça pela sua própria formação, é desigual, plural e encontra-se irreversivelmente submetida aos processos de releitura dos seus códigos culturais, graças ao processo ininterrupto da globalização”. A autora discorre sobre como letreiros encontrados em no bairro produzem sentidos e são capazes de construir possíveis identidades para esse lugar. Assim, foram selecionados sete enunciados localizados em uma das principais ruas do bairro, os quais

são enunciados únicos e estão dispostos de maneiras diversas, uns produzidos mais artesanalmente; outros mais elaborados, exibindo elementos técnicos modernos. Uns pendem nas paredes, outros estão pintados sobre o vidro, outros, ainda, balançam sobre a calçada (FARIA, 2016, p. 1011).

Algo que pode ser destacado a respeito do estudo realizado por Faria (2016) é a presença de línguas estrangeiras nos letreiros do bairro, o que pode ser justificado pelo fato de se tratar de um bairro turístico. Aqui, é importante destacar que muitos estudos realizados acerca da paisagem linguística “tratam dessa temática envolvendo diferentes línguas que coexistem em um mesmo espaço urbano, a partir da linguagem em uso, desvelando práticas sociais, escolhas e valores de determinada comunidade em um tempo também determinado” (FARIA e DINIZ, 2015, p. 156). Apesar de a maioria dos trabalhos que usam como referencial teórico os estudos da paisagem linguística referirem-se à presença de diferentes

⁴ Cf. o trecho original: “These language facts which landmark the public space are social facts that, as such, relate to more general social phenomena. In this light, the study of the LL focuses on the articulation by actors of these linguistic symbols that mould the public space” (BEN-RAFAEL; SHOHAMY; BARNI, 2010, p. xiv).



línguas, existe, também, a possibilidade de que sejam considerados espaços monolíngues. Nesse contexto, acredita-se que “mais importante do que a diversidade de línguas seja a diversidade de significados/discursos que construímos e com os quais operamos nas práticas” (MOITA LOPES, 2013, p. 110)”.

Conforme Faria (2016), os elementos que compõem a paisagem linguística desse bairro apresentam escolhas de estilo, estrutura composicional e tema, com o intuito de gerar diferentes efeitos de sentidos (BAKHTIN, 2011). Além disso,

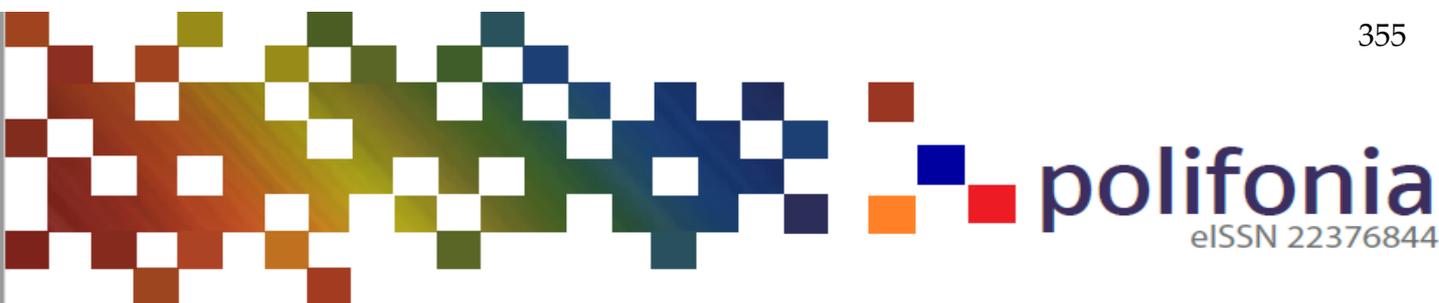
os letreiros (enunciados) aqui considerados refletem múltiplos pontos de vista dos indivíduos que os escolheram, despertam nos sujeitos que os “consumem”, também diferentes entoações avaliativas, e ao produzir sentidos, são fios dialógicos a tecer identidades identidades para o bairro de Ponta Negra (FARIA, 2016, p. 1016).

A partir do exposto, cabe destacar que as diferentes características desses enunciados carregam inúmeros significados: “há sisudez, mas há humor, irreverência” (FARIA, 2016, p. 1011).

Com um olhar diferente, Bellinzona (2018), amparada em estudos mais recentes sobre paisagem linguística, traz as discussões para o contexto educacional. Em trabalho intitulado “Linguistic landscape e contesti educativi: uno studio all’interno di alcune scuole italiane”, a pesquisadora tem como objetivo observar, documentar e analisar enunciados presentes em escolas italianas. De acordo com a autora, os prédios da escola são locais cheios de enunciados e possuem a presença de um grande número de avisos, anúncios, pichações e sinais que indicam permissão ou proibição. Todos esses elementos contribuem para a criação de uma imagem específica e contribuem para a formação da paisagem linguística escolar (BELLINZONA, 2018, tradução do autor)⁵. O estudo desenvolvido pela pesquisadora propõe a análise da paisagem linguística de sete escolas italianas, localizadas em três regiões diferentes, Lombardia, Toscana e Lácio. Cabe destacar que a pesquisa também considera a presença do pluringuismo nas escolas, dado que há a presença de muitos alunos estrangeiros nessas regiões. Assim, diante da diversidade de ocorrências linguísticas, a pesquisadora apresenta que os enunciados presentes na paisagem linguística foram divididos em três categorias, e assim possuem função *informativa*, *simbólica* e *mista*.

Também apresentamos aqui o trabalho desenvolvido por Dagenais *et al.* (2009), que tem como título “Linguistic landscape and language awareness” e aborda a paisagem linguística em uma perspectiva educacional, analisando práticas de alfabetização que contemplam o multilinguismo, com crianças do ensino fundamental. O interesse do trabalho é entender como as crianças veem e respondem ao que é representado no ambiente visual de suas comunidades a medida que constroem suas próprias representações da paisagem

⁵ Cf. o trecho original: “Gli edifici scolastici risultano luoghi ricchi di messaggi in forma scritta, attesa la presenza di un alto numero di avvisi, annunci pubblicitari, graffiti e segnali generali di direzione o di divieto. Tutti questi elementi contribuiscono alla creazione di un’immagine specifica e concorrono alla formazione del LL scolastico o Schoolscape” (BELLINZONA, 2018).



linguística (DAGENAIS *et al.*, 2009, tradução do autor)⁶. É interessante destacar que as crianças são indivíduos que têm suas próprias opiniões sobre os lugares em que vivem e, assim, constroem suas identidades a partir dessa relação com os ambientes. Durante o desenvolvimento da pesquisa, foi possível constatar que a paisagem linguística serve como uma ferramenta pedagógica para desenvolver uma alfabetização crítica, uma vez que por meio da observação e da interpretação da paisagem linguística, eles puderam ter novas dimensões geográficas, sociológicas e linguísticas dos lugares em que viviam e estudavam, ou seja, as crianças podem desenvolver uma nova compreensão da dinâmica das suas comunidades. Por fim, pode-se destacar que este trabalho revela a interação dinâmica entre as crianças, a linguagem e o território (DAGENAIS *et al.*, 2009, tradução do autor)⁷.

Por meio dessas diferentes circunstâncias e dos processos que regem a vida social, vemos que a paisagem linguística é construída de modo diverso, possibilitando o surgimento de múltiplas identidades para os espaços públicos. A partir dos trabalhos aqui apresentados, consideramos destacar que

as paisagens linguísticas são moldadas por diferentes circunstâncias – históricas, sociais, políticas, ideológicas, geográficas e demográficas – e ao mesmo tempo, ilustram processos inerentes à sua própria dinâmica, os quais, por sua vez, participam na fusão da realidade social e cultural mais ampla (BEN-RAFAEL; SHOHAMY; BARNI, 2010, p. xiii, tradução do autor).⁸

Considerando a realidade social e cultural específica e o cronotopo – tempo e espaço – específicos da instituição escolar, apresentamos nas próximas seções um recorte de uma pesquisa mais ampla, ainda em fase preliminar, a qual trata da construção identitária de escolas a partir da paisagem linguística presente nessas instituições; para isso, apresentaremos a análise de duas fotografias de espaços da Escola Municipal Professora Francisca de Oliveira.

4. A escola como espaço de observação

A proposta de estudar a paisagem linguística presente em uma escola surgiu ao observar o cenário da Escola Municipal Professora Francisca de Oliveira, localizada em uma região periférica da cidade de Natal/RN. Ao buscar compreender as relações estabelecidas no ambiente escolar, observa-se a emergência de discussões em torno dessa esfera. O processo de

⁶ Cf. o trecho original: “We seek to understand how they see and respond to what is represented in the print/visual environment of their communities as they construct their own representations of the LL” (DAGENAIS *et al.*, 2009, p. 253).

⁷ Cf. o trecho original: “They reveal the dynamic interaction between children, language and territory” (DAGENAIS *et al.*, 2009, p. 266).

⁸ Cf. o trecho original: “LLs are moulded by different circumstances – historical, social, political, ideological, geographic and demographic – and the same time illustrate processes that are inherent to their own dynamic, which, in turn, participate in the melding of the wider social and cultural reality” (BEN-RAFAEL; SHOHAMY; BARNI, 2010, p. xiii).

produção da imagem no mundo contemporâneo é visualizado tanto no espaço urbano como em diferentes instituições, a escola é apenas um exemplo. Como já foi falado neste trabalho, o mundo, cada vez mais, se revela por meio de narrativas figuradas (SOUZA, 2007). De acordo com a concepção linguística que adotamos, a imagem é signo, portanto linguagem.

Os elementos que compõem a paisagem linguística escolar são, portanto, indispensáveis para que a comunicação na escola aconteça e permitem múltiplas interpretações. De acordo com a pesquisa citada anteriormente (FARIA, 2016), os enunciados refletem os pontos de vista dos indivíduos que os escolheram, a fim de que figurassem como letreiros/anúncios. A percepção que temos é a de que também a partir da paisagem linguística escolar seja possível uma construção identitária dos indivíduos que a produziram, além de suscitar múltiplas interpretações de quem a observa. E não somente: também se apresenta como possibilidade, a construção identitária da escola, a partir desses múltiplos enunciados. Podemos exemplificar o que foi apresentado analisando dois elementos que compõem a paisagem linguística da escola em questão.

Figura 1 – Entrada da escola



Fonte: acervo da autora

Figura 2 – Mural com produções dos alunos

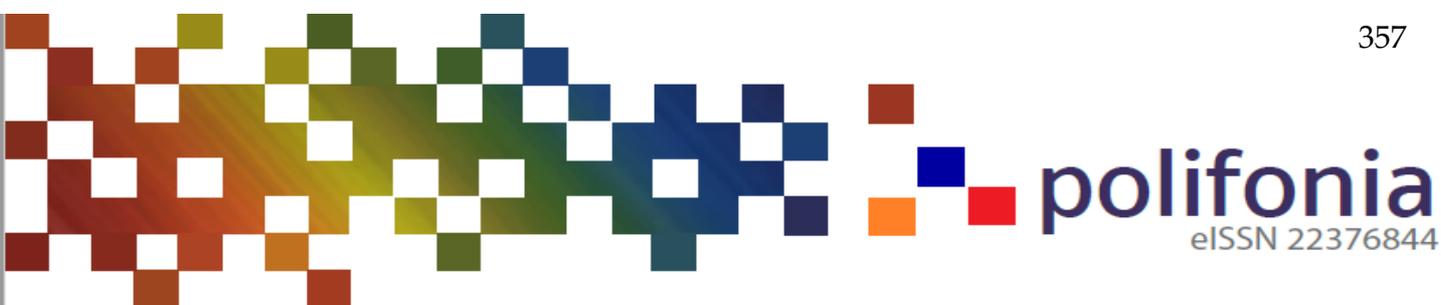
presentam



Fonte: acervo da autora

que todos os espaços da escola fornecem dados riquíssimos para análise, dessa forma, não seria possível contemplar todos eles neste artigo.

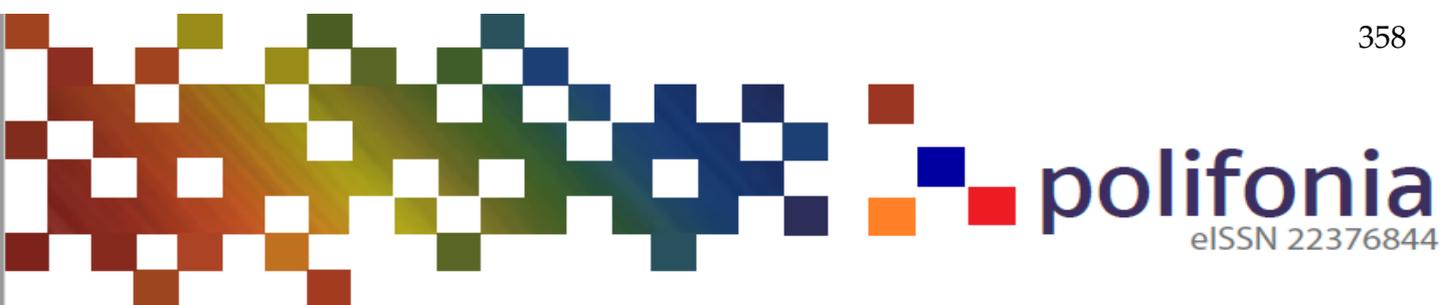
Na “Entrada da escola” (Figura 1), temos o “Decálogo da educação em valores”: autonomia, capacidade de convivência, diálogo, dignidade da pessoa humana, igualdade de direitos, justiça, participação social, respeito mútuo, solidariedade e tolerância. A educação em valores permite que o professor organize atividades sobre temas transversais. Nesse sentido, esse elemento da paisagem linguística revela uma *identidade institucional*, caracterizada pela voz da gestão da escola, pois esse enunciado está ligado aos valores que a direção e os professores da escola acreditam. Assim, corroboramos com Hall (2015), quando



afirma que a identidade não é uma “coisa” acabada, ela está em processo de construção. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, dos sujeitos que fazem parte do mundo da vida. A identidade da escola surge, portanto, a partir do momento em que esses valores podem ser vivenciados no ambiente escolar.

O “Mural com produções dos alunos” (Figura 2) é um elemento da paisagem linguística que se modifica ao longo do tempo. Conforme a concepção de linguagem adotada nesta pesquisa, a formação da linguagem acontece em diferentes tempos e espaços. Assim, esse mural reflete e refrata as realidades que se encontram fora dos seus limites; possui uma significação, representa e substitui algo encontrado fora dele e, portanto, é um signo (VOLÓCHINOV, 2017). Como podemos observar, o mural é caracterizado por uma borda com imagens que remetem à esfera escolar (lápiz, tinta e livros, por exemplo). Na imagem, vemos que se trata de uma atividade feita por duas turmas do 1º ano, porém, não há identificação do tema proposto, nem do componente curricular que a produziu; a atividade parece ter sido uma produção dos alunos, mediada pelo professor responsável pelas turmas. A falta de uma maior riqueza de detalhes apresenta uma fragilidade na divulgação da atividade realizada; para que a comunicação acontecesse de modo eficiente, seriam necessárias mais informações sobre o desenvolvimento da atividade. No entanto, podemos inferir uma certa organização na elaboração da tarefa e uma preocupação em se mostrar colorida, tendo flores e borboletas simetricamente dispostas. Dessa forma, vemos *identidade interacional* da escola: a escola como lugar de encontro, de realização e de divulgação de atividades, que envolvem a participação dos professores e dos alunos.

Ao pensar as relações entre linguagem e identidade, podemos enfatizar “a força produtiva da linguagem na constituição da identidade, em vez de a identidade ser um construto pré-dado refletido no uso da linguagem” (PENNYCOOK, 2006, p. 80-81). Nesse sentido, é por meio da linguagem, e também da paisagem linguística, que podemos construir as identidades para a Escola Municipal Professora Francisca de Oliveira. Vimos aqui duas identidades: a *identidade institucional*, caracterizada pela predominância da voz da gestão



escolar, e a *identidade interacional*, que caracteriza a escola como lugar de encontro e de atividade.

5. A paisagem linguística escolar

A partir das discussões depreendidas até aqui, sabemos que a paisagem linguística pode revelar diferentes identidades para a instituição escolar. Ao falarmos da escola como cronotopo é preciso ter em mente qual é o papel a ela atribuído, qual é a sua identidade. Para isso, acreditamos ser relevante destacar que

se o nosso ato ético em sala de aula nos responsabiliza com a formação de cidadãos letrados, conceber *a escola como cronotopo singular* onde se gestam as práticas de leitura e de escrita para o mundo da vida é o primeiro movimento para um ensino mais significativo para o aluno que, muitas vezes, não vê nenhum objetivo para ler e escrever na escola (CASADO ALVES, 2012, p. 320, grifo nosso).

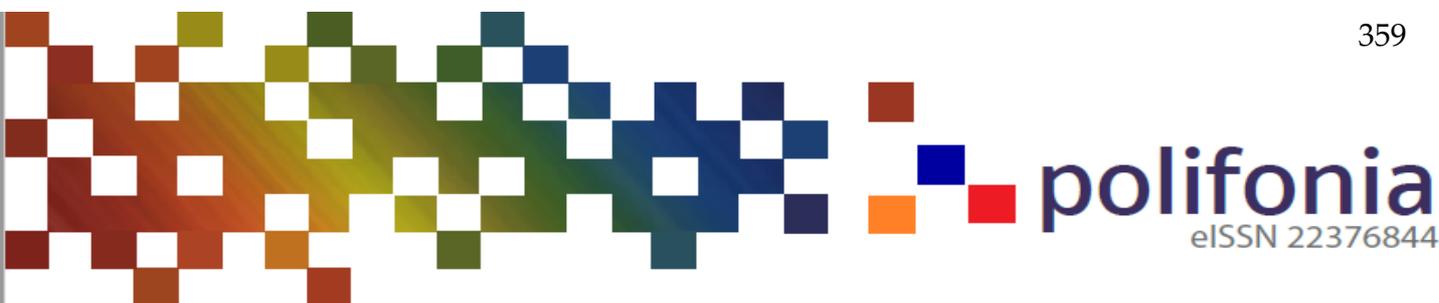
Essa visão implica a necessidade de se ressignificar o cronotopo escolar, em oposição à sociedade disciplinar, que vê as escolas, os presídios, as fábricas, os hospícios e os hospitais como instituições de controle (HAN, 2017). As paisagens observadas nas escolas contribuem para que lhes sejam atribuídas identidades relacionadas ao controle, à vigilância total, ao fracasso, entre outras. Em contrapartida, nós acreditamos que a modificação da paisagem linguística da escola pode trazer um novo significado para aqueles que frequentam essa instituição; isso pode ser visto a partir do momento em que a *identidade interacional* da escola é explorada, uma identidade que é construída por meio das relações entre professores e alunos em sala de aula e que perpassa o desenvolvimento de atividades marcadas pela interação.

Os elementos que compõem a paisagem linguística no ambiente escolar “parecem falar a língua dos seus habitantes em determinado momento sócio-histórico” (FARIA, 2016, p. 1009) e assim os consideramos como enunciados capazes de revelar possíveis identidades para a escola.

6. Tempos de reflexão

Diante do exposto neste artigo, vivemos tempos de reflexão, tempos que nos enchem de expectativas. Abordar temáticas que são inerentes à vida social nos enche de esperança, afinal, a pesquisa precisa ser relevante para os sujeitos sociais. Como podemos ressignificar o espaço das escolas? Uma das formas pode ser por meio da construção de enunciados que reforcem a identidade interacional da escola, da instituição como espaço de encontro.

Cientes da existência de um *continuum* absoluto entre o espaço urbano e o ambiente escolar (CASADO ALVES, 2011), as nossas investigações movimentam-se com o objetivo de analisar a paisagem linguística como uma construção repleta de enunciados e o seu papel primordial para a constituição das identidades no mundo da vida. Isso acontece, pois os



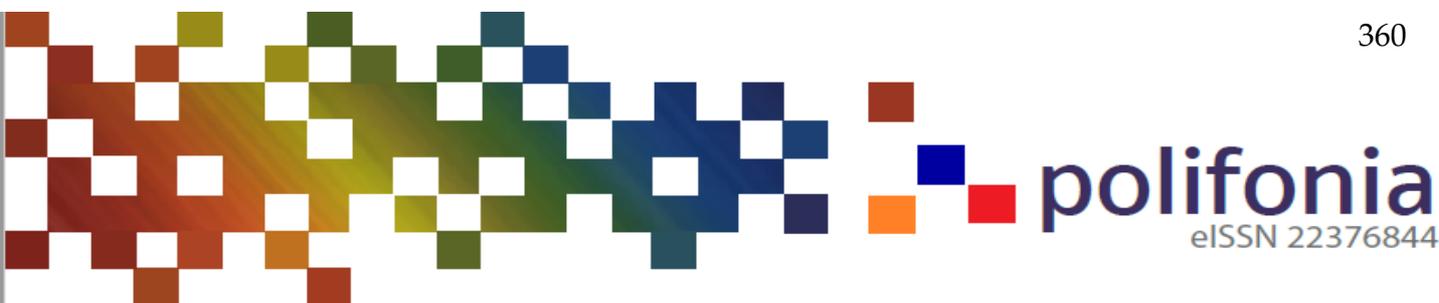
espaços possuem como característica a presença maciça de discursos, que são responsáveis por construir identidades.

Somos impactados, diariamente, com notícias – as mais diversas – sobre acontecimentos no ambiente escolar. É preciso pensar nesses espaços, acima de tudo, como espaços que possibilitam a interação entre os indivíduos. Dentro desse contexto, acreditamos que fazer uma pesquisa no escopo da Linguística Aplicada é o melhor caminho para pensar em novos significados para as escolas, afinal, a área busca discutir “problemas com relevância social suficiente para exigirem respostas teóricas que tragam ganhos a práticas sociais e a seus participantes, no sentido de uma melhor qualidade de vida, num sentido ecológico” (ROJO, 2006, p. 258).

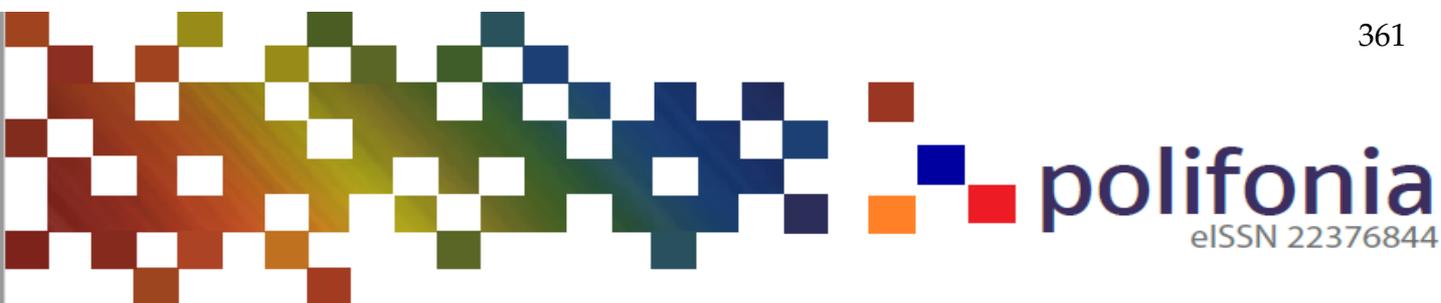
Como linguistas aplicados, portanto, somos intimados a “colaborar para que se abram alternativas sociais com base nas e com as vozes dos que estão à margem” (MOITA LOPES, 2006, p. 86). Muitas escolas estão localizadas em lugares periféricos, marginalizados, é preciso chegar até elas. Avante!

Referências

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, M. *Teoria do romance I: a estilística*. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.
- BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.
- BAKHTIN, M. *Teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo*. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2018.
- BELLINZONA, M. *Linguistic landscape e contesti educativi: Uno studio all'interno di alcune scuole italiane*. *Lingue e Linguaggi*, v. 25, p. 297-321, 2018. Disponível em: <http://siba-ese.unisalento.it/index.php/lingue/linguaggi/article/view/18953/16210>. Acesso em: 13 mai. 2020.
- CANCLINI, N. G. *A globalização imaginada*. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- CASADO ALVES, M. P. Lendo e escrevendo na escola: O PIBID e as atividades com gêneros discursivos. In: MARTINS, A. F. P.; PERNAMBUCO, M. M. C. *Formação de professores: interação Universidade – Escola no PIBID/UFRN*. Natal: EDUFRN, 2011. p. 117-140.
- CASADO ALVES, M. P. *O cronotopo da sala de aula e os gêneros discursivos*. *Revista Signótica*, v. 24, p. 304-322, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/sig/article/view/19172/13254>. Acesso em: 28 nov. 2019.
- DAGENAIS, D. et al. Linguistic landscape and language awareness. In: SHOHAMY, E.; GORTER, D. *Linguistic landscape: expanding the scenery*. New York: Routledge, 2009. p. 253-269.
- FARACO, C. A.; NEGRI, L. O falante: que bicho é esse, afinal? *LETRAS*, Curitiba, n. 49, p. 159-70, 1998.



- FARIA, M. V. B. *A construção estilística das identidades poéticas da cidade de Natal: um olhar bakhtiniano*. 2007. 188 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte: Natal, 2007.
- FARIA, M. V. B. Letreiros como fios dialógicos que tecem um bairro. *VI CÍRCULO – Rodas de Conversa Bakhtiniana: literatura, cidade e cultura popular*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016. p. 1009-1017.
- FARIA, M. V. B.; DINIZ, M. R. M. Construção identitária da cidade de Santa Cruz/RN: ordem ou desordem? In: CASADO ALVES, M. P.; VIAN JR., O. *Práticas discursivas: Olhares da Linguística Aplicada*. Natal: EDUFRN, 2015. p. 154-170.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.
- HAN, B. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- KELLNER, D. Lendo imagens criticamente: em direção a uma pedagogia pós-moderna. In: SILVA, T. T. (Org.). *Alienígenas na sala de aula*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 101-127.
- KUMARAVADIVELU, B. A Linguística Aplicada na era da globalização. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma linguística aplicada INdisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 129-148.
- MACHADO, I. A. Narrativa e combinatória dos gêneros prosaicos: a textualização dialógica. *Itinerários*, Araraquara, n. 12, p. 33-46, 1998. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2910/2671>. Acesso em: 28 nov. 2019.
- MOITA LOPES, L. P. Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma linguística aplicada INdisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 85-107.
- MOITA LOPES, L. P. Como e porque teorizar o português: recurso comunicativo em sociedades porosas e em tempos híbridos de globalização cultural. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *O Português no século XXI: cenário geopolítico e sociolinguístico*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- PENNYCOOK, A. Uma linguística aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma linguística aplicada INdisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 67-84.
- PONZIO, A. A concepção bakhtiniana do ato como dar um passo. In: BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017. p. 9-38.
- ROJO, R. Fazer linguística aplicada em perspectiva sócio-histórica privação sofrida e leveza de pensamento. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma linguística aplicada INdisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 253-276.
- ROJO, R. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- SARLO, B. *Cenas da vida pós-moderna. Intelectuais, arte e videocultura na Argentina*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.
- SHOHAMY, E., BEN-RAFAEL, E., BARNI, M. (orgs.). *Linguistic landscape in the city*. Bristol, UK: Multilingual Matters, 2010.



SOUZA, S. J. Dialogismo e alteridade na utilização da imagem técnica em pesquisa acadêmica: questões éticas e metodológicas. *In: Ciências humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 77-94.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In: Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 15. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014. p. 7-72.